

1510

O CERCO FLUTUANTE: UMA REDE I PESCA JAPONESA QUE TEVE A ILHA DE SÃO SEBASTIÃO COMO CENTRO DE DIFUSÃO NO BRASIL

Há mais ou menos vinte e cinco anos¹, japoneses que foram se estabelecer na Ilha de São Sebastião (litoral norte do Estado de S. Paulo), ali introduziram um engenhoso meio de pesca, entre a curiosidade e a desconfiança dos moradores locais, a princípio, e a admiração e o ressentimento dos mesmos, depois, quando "o cerco provou bem" e se mostrou um dos apetrechos mais eficientes na captura do peixe.

Como de sua terra natal não houvessem trazido a rede, mas apenas o que, para uma grande maioria, não passava de uma idéia vaga a seu respeito, pouco familiarizados como estavam com a técnica de sua fabricação, o fato explica não apenas a primeira tentativa frustrada de instalar o aparelho entre nós, como a lentidão no seu processo de difusão e ainda, o renome que uns raros especialistas entalhadores conseguiram ao longo de todo o litoral paulista.

¹ A respeito da data, os informes não coincidem, variando de 15 a 25 anos. Ao que consta, porém, os primeiros japoneses teriam aportado à Ilha em 1916. E o primeiro entalhador de cercos chegou ao Brasil em 1919 tendo, depois de residir por algum tempo em Cabo Frio, mudado para a Ilha (Sombrio). Tomamos a data de 25 anos, embora com reservas, por ter sido a mais constante nas informações.

O cerco flutuante, "cerco de japonês" ou simplesmente "cerco", como é mais comumente designado hoje, consta essencialmente de duas partes: a *casa (rodo)* e a *espia (caminho)*². A primeira, que é o reservatório, assemelha-se a um grande coador de café, embora não afunilado e, ficando submersa, assenta-se no fundo, denunciando-se à superfície das águas apenas por uma elipse de gomos de taquaruçu. É construída de malhas de três tamanhos, conforme sua distribuição: as das *paredes* ou *rodo*, de 4 cm. de fio nº 9; as do *fundo* de 5 cm. de fio 12 e as do *círculo de despesca, círculo de copiada, cópio* ou *ensacador* de 3 cm. de fio nº 18³.

As faces laterais e o fundo são constituídos por panos *perfiados*, porquanto o cerco é feito em partes, cabendo ao *entralhador* o trabalho máximo e final de dar-lhe a forma. A *casa* possui uma entrada que vai da base à superfície. Nessa, duas paredes de redes da mesma altura que ela, são colocadas lateralmente de modo a produzirem um corredor que vai se afunilando no sentido do raio do aparelho. Ao redor da porta um *fiel* é destinado a fechá-la quando puxado, impedindo a saída do peixe por ocasião da *despesca*. A um dos lados da entrada vem se perfiar a outra parte do cerco – a *espia* ou *caminho* – pano de rede retangular, de malhas de 8 cm. de fio nº 9, e que, na outra extremidade, vai se prender ao "costão"⁴.

A *casa* tem de 75 a 90 braças de circunferência e sua altura varia de acordo com o local em que é instalado o aparelho, o que implica em que o *entralhador* tome conhecimento prévio do sítio em que vai fundeá-lo⁵. Quanto ao *caminho*, tem ele comprimento va-

2 As designações entre parênteses são as usadas na Ilha. Não sei como eram chamadas as partes do cerco no Japão. O que é evidente, é que nenhum vestígio aparece na terminologia aqui empregada.

3 Quanto mais alto o número do fio, mais grosso é ele. Note-se que o *círculo da despesca* é parte integrante do fundo, localizando-se num dos cantos deste e a parte do cerco de malhas mais apertadas e resistentes para garantir o peso da carga na despesca, como veremos.

4 Chama-se "costão" na Ilha a costa alta, pedregosa e escarpada, que cai abruptamente no mar.

5 A localização de um cerco depende de muitos fatores; de ser o local abrigado, de oferecer a necessária profundidade para que o aparelho não fique à mercê das águas. Além disso, o *entralhador* deve conhecer a altura máxima das águas nas marés, bem como a configuração geográfica do local para dispor a boca da rede em direção certa. Nisso tudo, guiam-se por mero empirismo, tanto que é comum

riável de acordo com a distância em que se achar o costão (15, 20, 30 braças), enquanto que sua altura depende dos mesmos fatores que determinam a da *casa*.

O cerco mantém-se fundeado: gomos de taquaruçu, amarrados de três em três ao redor de um cabo de juta ou imbé e presos ao fundo por meio de *poitas* (âncoras), servem de bóias às panagens da rede. Esta pode ser retirada sem que se remova aquele sustentáculo: pela *tralha* que passa ao redor do cerco todo, é ele abotoado nas bóias.

À superfície das águas, pois, a presença de um cerco flutuante se denuncia apenas por aquela elipse e aquele fio de gomos de taquaruçu presos ao costão.

Fácil é compreender-se o funcionamento da armadilha: os peixes que se avizinham do costão, batem na *espia*. "O sucesso do cerco", disse-me explicativamente um caçara, "está em que, sendo o peixe estúpido, não sabe dar marcha à ré e batendo no obstáculo, começa a contorná-lo, encaminhando-se para a porta do *rodo*". Uma vez dentro, continua a fazer movimentos rotativos, sempre volteando a rede, mas as duas tapagens, colocadas lateralmente na porta, lhe barram a retirada. Além disso, a abertura afunilada facilita a entrada do peixe, mas dificulta a saída, devido à pequena superfície livre que apresenta no interior. Conseguem se pôr a salvo com facilidade apenas aquelas espécies que, como a tainha, dispõem do salto como defesa⁶.

A presença de pescadores só se faz necessária para a *despesca*, operação que consiste em "levantar o fundo da rede a partir de uma das extremidades para acumular todo o peixe na outra, donde é recolhido pela embarcação". Os *visitadores* entram pelo cerco a dentro em duas canoas. Uma delas, pequena, com dois homens apenas, começa a funcionar na boca do aparelho, fechando a porta em primeiro lugar, enquanto a outra, maior, com três tripulantes, na extremidade que fica do lado oposto ao *círculo da despesca*⁷: a rede vai sendo tomada de um dos bordos da canoa grande, o peixe sacu-

"darem baixa" aos pedidos de localização em certo lugar por constatação posterior de que não é adequado.

6 MUSSOLINI, Gioconda. O cerco da tainha na Ilha de São Sebastião. *Sociologia: revista didática e científica*. S. Paulo, 7 (3): 135-147, 1945.

7 Há uma técnica especial na despesca, o que exige que o proeiro e o popeiro tenham prática para não soltar o peixe. Quanto ao terceiro tripulante da canoa grande, pode ser até uma criança, porquanto seu trabalho se restringe em colher rede morta. A esta operação eles se referem na Ilha falando em saber "fazer ner-

dido para diante e a parte da rede sacudida largada por baixo da canoa. Chegando defronte da canoa pequena, que se manteve parada, começa a ação conjunta das duas, descrevendo elas um semicírculo dentro do cerco, realizando a mesma operação que acabamos de descrever, até que, quando ambas se encontram no *ensacador*, todo o carregamento está ali acumulado. Virada esta parte para dentro das canoas ou com o auxílio do *sarico* (espécie de coador de rede, munido de um cabo), o peixe é recolhido. Em tempos de abundância, as visitas se amiúdam e muitas vezes, enquanto se despesca, a porta do cerco, que, logo depois de realizada a operação inicial, se abre novamente, já vai dando entrada a outros peixes, começando-se novo descarregamento mal se termina o primeiro. Comumente, porém, as visitas se fazem de 4 a 6 por dia a intervalos regulares de 4 a 3 horas.

Quando o cerco se localiza distante da residência dos visitantes, permanecem eles durante o dia em palhoças das proximidades, regressando para casa ao findar o trabalho diário. Mais comum, porém, é aproveitar-se a mão-de-obra das vizinhanças, empregando-se os homens como *visitadores* e as mulheres como *consertadoras*.

Atualmente, um cerco fica em dezoito mil cruzeiros. O entalhador trabalha por empreitada. Na própria Ilha, indivíduos que fazem rede para fora, são pagos para tecê-las de acordo com os tamanhos padrão. Como remate, vem o entralhe, que dura aproximadamente vinte dias, porquanto o *fundo* é todo recortado e perfurado. A mão-de-obra custa seis mil cruzeiros; dos quais três mil são pagos aos redeiros e os outros três mil conservados pelo entalhador. Um cerco é mantido n'água durante uns oito ou dez dias. Depois, retirado para reparos e banho de resistência. Para reparos são cobrados cem cruzeiros diários. Isto quando se trata de consertos que exijam a mão de especialistas, porque na maioria dos casos, os próprios donos se incumbem do trabalho. Um cerco feito de "bom fio" dura de ano a ano e meio em uso sem reparos.

Evidentemente este aparelho de captura não pode substituir todos os outros meios de pesca: não se presta para aqueles peixes

vo" na rede, isto é, esticá-la devidamente no momento em que se começa a levantá-la.

8 Em Estácio, por exemplo, desenvolveu-se importante núcleo de pesca em virtude de um cerco ali localizado. Aproximadamente dez famílias se ocupam unicamente com seus serviços.

que, como a garoupa, o cherne, o dourado, o badejo, a enxova, etc, se enfunam em *parcéis* ou vivem em *pesqueiros* e para estes, é o emprego da *linha de fundo* ou do *espinhel*, a forma adequada de pescaria. Com as sardinhas, peixe de superfície, a *traineira* realiza verdadeira proeza nas noites sem luar, quando os pescadores "fazem os escuros", auxiliados pela fosforescência que o barco faz na água, a qual não apenas permite localizar os cardumes, como os mantém aprisionados dentro do círculo luminoso. Quanto às tainhas e paratis, pelo fato de pularem muito o *tresmalhê* é a rede indicada, trazendo-os *emalhados* e não apenas *copiados*. "As espécies conseguidas com o uso do cerco pertencem geralmente ao grupo que se distingue pelo hábito de nadar à "meia-água", em cardumes ou isoladamente, acompanhando a linha da costa e o contorno das ilhas, em movimentos migratórios de periodismo estacional." 9

* * *

Quando se viaja ao redor da Ilha de São Sebastião, depois que se deixou para trás a zona do canal, observa-se, paralelamente à mudança de paisagem natural, u'a mudança no cenário da pesca. As adjacências do canal, que apresentam maior superfície de terras baixas 10, arenosas e livres de escolhos, constituem também a área das *redes de arrastar para a terra*, dos *covos* e dos *tresmalhos* 11, mostrando, ao longo das praias, os panos de rede estendidos a secar, os ranchos de canoas, os rodos de que se valem para pô-las no mar. Saindo-se dali, as praias são exceção: desde que se abandona a Ponta das Canas, no extremo norte, prevalece a rocha escarpada, ingreme, caindo abruptamente dentro d'água, dando-nos a impressão de que a Ilha se cerca de imensa muralha de granito. Só muito raramente se depara com uma praiazinha exígua. Entra-se, assim, na

9 *Anuário da Pesca Marítima no Estado de S. Paulo*. S. Paulo, Sec. da Agr., Indústria e Comércio, Diretoria de Publicidade Agrícola; Depart. de Produção Animal; Divisão de Produção e Proteção de Peixes e Animais Silvestres, 1945, p. 77.

10 Faz exceção a Praia dos Castelhanos, na Baía do mesmo nome, a maior praia da Ilha, com dois quilômetros de extensão.

11 Os *arrastões de praia* têm a primazia. Os *tresmalhos* só são empregados pelos mais afeiçoados à pesca e que vão cercar tainhas nas vizinhanças do continente fronteiro antes da época em que são atingíveis, do lado de cá, pelos *arrastões*.

12 Na Ilha a designação de "barco" é empregada apenas para as embarcações movidas a motor.

zona de pesca demandada pelos barcos ¹², zona por excelência dos *cercos flutuantes*. Quando, finalmente, se penetra na Baía dos Castelhanos, vai-se encontrar a maior concentração deles: dos vinte e um de que damos abaixo a relação, dez se encontram no interior da baía, desde a Ponta da Cabeçuda, por onde se começa a entrar nela, até a Ponta da Chave, por onde se a abandona. ¹³

Por princípio muito conhecido no estudo de difusão cultural, o cerco foi primeiramente adotado nos pontos mais próximos daquele em que se deu a sua introdução, o que explica o seu grande número na Baía dos Castelhanos. Isto se deve não somente ao fato de ser aquela a zona em que primeiro se constataram as vantagens de seu emprego, como ao de ter se localizado ali o especialista de sua fabricação, como ainda ao de se tratar do mesmo ambiente geográfico em que a armadilha surtiu efeito.

De um ponto da Baía – o Saco do Sombrio – o cerco se difundiu depois pela periferia insular, com exceção da zona do canal ¹⁴, e pela costa norte do Estado, no trecho do litoral que se desdobra da Praia de Toque-Toque até a Praia de Picinguaba.

“As condições de local requeridas para a instalação desse engenho, tornaram o litoral norte, com suas inúmeras enseadas, profundas e bem abrigadas, o trecho preferido para a instalação dessa armadilha de pesca”, ao passo que “o litoral sul, de contorno regular, quase sem acidentes, desdobrando-se em praias de enorme extensão, não se presta à fixação dos cercos” ¹⁵.

Nem por isso, entretanto, a área de difusão do cerco flutuante se restringiu à zona norte do Estado. Embora muito tardiamente, a rede foi levada para Santos, Bertioga e Ilha de Santo Amaro. O primeiro exemplar que apareceu em Santos, em meados de 1945, foi ali introduzido por um habitante da Ilha de São Sebastião ¹⁶. E hoje,

13 Dentro da Baía dos Castelhanos é a seguinte a relação dos cercos aprovados por lei: Ponta da Cabeçuda, P. Preta, Aiata, Praia Vermelha, Figueira de Fora, Figueira de Dentro, P. do Meio, Sombrio, P. do Machado e P. da Chave. Além desses há mais os da P. da Figueira, P. da Aguada, P. da Fome, P. do Poço, Saco do Estácio, S. do Rosário, S. do Pirabura, S. dos Vermelhos, P. da Figueira, P. da Itatambora e P. da Cambaquara. Por lei a Ilha poderá ter 25 cercos. Ao que consta, porém, há mais de 30 em funcionamento.

14 Por lei é vedado o emprego de cercos flutuantes na região do canal, quer nas margens da Ilha, quer nas do continente.

15 *Anuário da Pesca Marítima...* p. 77.

16 João Margarido dos Santos, natural do bairro do Sombrio.

Santos já conta com sete destas redes ¹⁷. Este mesmo homem está cogitando, no momento, de levar o cerco para Santa Catarina, sendo interessante notar que foi também o introdutor da inovação em Ubatuba, localizando-a na Ponta do Flamengo, em 1942. Além desse, um entalhador da Ilha ¹⁸ informou-me de que, uma vez que não lhe era possível fundear um cerco para uso próprio no local em que residia (Sombrio), instalara um em Bertioga e outro em Santos.

Pode-se, assim, acompanhar de perto a difusão desta rede, levada a efeito por uns poucos proprietários e entalhadores a se deslocarem pelo litoral distante do ponto de origem de sua introdução.

Como inovação, o cerco introduzido no Sombrio teve melhor sorte que o espécime que me informaram ter surgido há anos atrás em Parati (Estado do Rio): este único exemplar, possuído por um japonês, causou verdadeira perplexidade aos paratianos que não podiam atinar com a causa por que o afortunado oriental conseguia tanto peixe. Mas o cerco de Parati teve o destino de natimorto: não sobreviveu à fase de incompreensão e espanto, e a retirada dos japoneses do litoral, por ocasião da guerra, pôs fim à novidade que passou sem deixar vestígios, uma vez que não houvera tempo para o aprendizado de sua confecção.

Não menor perplexidade causou o cerco na Ilha na época de sua introdução: “Pegava demais peixe; era o único; o pessoal reclamava”, disse-me um observador da época. A informação é bem significativa em seu laconismo: traduz o reconhecimento da eficácia do novo meio de pesca, a impossibilidade imediata de adotá-lo e a reação, misto de despeito e hostilidade, contra quem podia usufruir com mais vantagens os recursos do meio.

Aos poucos foi-se perdendo o hábito de referir-se aos cercos com o complemento “de japonês”: ele passou a ser simplesmente cerco flutuante ou “cerco” à medida que se dava a paulatina integração da “novidade” na cultura local. Contudo, nos primeiros tempos, não era apenas cerco *de* japonês, mas o cerco *do* japonês: tratava-se do de Kamati. Antes deste, uma primeira tentativa feita

17 Note-se que neste curto período de tempo, em Santos já se perderam dois cercos que foram arrastados pela correnteza, um na Enseada do Guarujá e outro na Enseada de Santo Amaro, fato que nunca se registrou na Ilha ou litoral norte.

18 Sebastião Barnabé da Luz, natural do bairro do Sombrio. Informou-me há pouco tempo que estava entalhando dois cercos para serem fundeados em Cananéia.

por um seu patrício, Matimoto, fora frustrada: a rede por ele construída "não provou bem", como se repete na Ilha, por não ter sido devidamente entalhada, de sorte que vinha à tona com o movimento das águas. Mais tarde, Kuzi Hamab (que o pessoal do local brasileiro para "Seu Amavel", nome sob o qual passou à tradição), já conhecedor desta armadilha de pesca no Japão, conseguiu entalhá-la a contento a expensas de Kamati: foi o primeiro cerco flutuante que ficou na história da pesca no Brasil.¹⁹

Com o êxito da rede construída por Hamab, recompensas econômicas logo advieram a Kamati; mas prestígio ou reconhecimento não creio que os tenha conseguido até a época de sua retirada do litoral.²⁰

Pela própria organização econômica da Ilha, este melhoramento na pesca estava fadado a aceitação e difusão muito mais rápida que qualquer outro que se processasse em terreno diferente, mesmo na agricultura²¹: os padrões de intercâmbio e especialização que presidem à pesca, inserem a Ilha num mundo muito mais amplo, comercializado, tornando-a, por isso mesmo, mais receptiva nesse setor de atividades. A ligação com Santos torna o pescador

19 Kuzi Hamab, natural de Nagasaki (Japão), chegou ao Brasil em 1919. Residiu por algum tempo em Cabo Frio (Rio de Janeiro) e ali construiu um cerco flutuante para um patrício, Yuzaburo Yamangata. Mudando-se logo depois para a Ilha de S. Sebastião, construiu ali o primeiro cerco no Sombrio, para Sumkiti Kamati. Segundo suas informações, o introdutor do cerco de Parati aprendeu a arte com ele. Hamab diz que no Japão o cerco "sempre existiu" e que aprendeu a confeccioná-lo na escola. Atualmente este japonês reside em Ubatuba, onde continua a entalhar cercos. As informações por ele prestadas, devo-as ao Sr. Alceu Maynard Araújo que teve a gentileza de entrevistá-lo a pedido meu.

20 Os brasileiros reconhecem a mestria dos japoneses na pesca. Sentem por eles admiração: "Quando um japonês embarca, o mestre brasileiro fica em lugar secundário. Não há como japonês". Contudo, os pescadores brasileiros de maior fama muito dariam para ver os japoneses afastados da pesca.

21 Japoneses na Ilha introduziram também melhoramentos e inovações no cultivo da terra: a horta foi uma destas novidades e o emprego do adubo de peixe, outra. Nenhuma das inovações lograram prosperar: retirados do litoral, os brasileiros recolheram os produtos das hortas deixadas (que, por sinal, causavam admiração) e nunca mais se pensou no assunto. Sistemas de plantio, produtos cultivados, etc., continuaram a seguir a rotina sob alegação de que "os japoneses cansam demais a terra", não valendo a pena adotar seus processos... Pelo fato de se entregarem os residentes, quanto aos produtos agrícolas, ao necessário para o consumo da família e pelo fato de não lhes parecerem imprescindíveis à sua dieta legumes e verduras, as inovações japonesas nesse terreno não lograram êxito.

"familiar" com grande variedade de sistemas de pesca. Além disso, é pela pesca que o morador local sai da "economia de subsistência", incorporando-se num sistema de exploração pecuniária à qual não é indiferente um meio mais adequado de obter maior lucro. Acresce ainda que a área de exploração da pesca não se confina aos moradores locais, de sorte que a inversão de capitais em meios mais lucrativos, embora mais caros, pode se dar mesmo por parte de não residentes.

De um ponto de vista mais imediatista, por sua vez, outros fatores contribuíram para aceitação do cerco: ele se impunha pela abundância de peixes que conseguia capturar, pela facilidade de trabalho que exigia em comparação com outras redes (dispensando não somente a iniciativa individual de ação em momento oportuno, como a especialização técnica do manejo), pelo custo barato (não exigir uma tripulação cara, barco, registro de barco, óleo, etc), por ser durável e por não exigir a demanda de outras zonas de pesca, uma vez que se mantém fundeado. Além disso, a compreensão do princípio em que se fundamentava a construção do cerco era facilitada pela existência dos *curreis* ou *cercadas* fixas que tinham, em linhas gerais, os mesmos objetivos, e que se disseminavam ao longo de todo o costão da Ilha²². Finalmente, embora os meios habituais de pesca adotados no Sombrio houvessem resolvido, de certo modo, o problema da pesca nesse lugar difícil, era inegável que o novo invento se apresentava como muito mais satisfatório: no Sombrio não há praias, desembarca-se na pedra, recolhem-se as canoas sobre pedras, com auxílio de estivas. Como, porém, é um dos pontos mais piscosos da Ilha e, mesmo dentro da Baía dos Castelhãos, o mais abrigado contra o mau tempo, desenvolveu-se ali importante núcleo de pesca, exigindo que os moradores se abitassem a puxar rede na pedra, o que reclama habilidade bastante pronunciada para a qual se treina desde crianças e considerada inatingível pelos moradores de outros pontos.

Pelo fato de localizar-se em ponto de pesca difícil, embora altamente convidativa, Kamati e depois dele, outros japoneses, em

22 Os cercos fixos de taquara, estaqueadas e muradas, já eram conhecidos e combatidos pelas autoridades da pesca pelos prejuízos que causam à fauna marítima. O cerco flutuante tem sobre eles a vantagem de não embarçar a navegação, de não impedir a livre migração dos cardumes, de ser facilmente removível da água desde que se considere conveniente esta medida e de não provocar a obstrução dos locais em que funciona pela acumulação de detritos.

lugar de se adaptar ao sistema costumeiro pelo qual a comunidade resolvera o problema e conhecedor de meio mais adequado para a sua solução, trouxe para a Ilha um elemento cultural valiosíssimo, guiado, muito embora, por mera questão pessoal: pescar de modo vantajoso, não apenas do ponto de vista pecuniário, como do ponto de vista da natureza do trabalho.

* * *

Na difusão do cerco flutuante estímulos e barreiras não se apresentavam da mesma forma para todos os dispostos a aceitar a inovação. De um lado, ser a rede pouco trabalhosa, de manutenção barata (não exigindo uma tripulação especializada, barco, registro de barco, óleo, etc.), durável e independendo de deslocamento para paragens longínquas, era constatação geral. De outro lado, porém, para o pequeno pescador, era rede cara, de "muita ciência" (uma vez que, habituado a confeccionar a própria rede ou a obtê-la por mão-de-obra barata, não se encontrava agora na mesma situação) e arriscada (o fracasso de Matimoto ficara marcado na mente de todos).

E foi por aqueles que podiam pôr maior ênfase sobre as vantagens que se iniciou a adoção: "A exploração dos cercos flutuantes caíra totalmente em mãos de pessoas abastadas, não afeitas aos trabalhos da pesca, residentes fora do município de S. Sebastião e que tiravam o máximo de proveito da situação, em detrimento dos profissionais residentes na localidade"²³. Além disso, "os mais favorecidos da fortuna eram possuidores de três, quatro ou mais aparelhos, todos localizados em regiões piscosas, não permitindo esta situação que pescadores desprovidos de maiores recursos pecuniários tivessem uma oportunidade qualquer de usufruir proventos desse sistema de pesca"²⁴.

Sendo rede durável, Hamab como único especialista da zona, conseguiu perfeitamente dar conta do recado, tendo construído nada menos que 28 aparelhos.

O estímulo para o aprendizado era brechado por dois fatores: de um lado, a idéia que até hoje prevalece de que, sendo uma rede japonesa, "não há como japoneses para fazê-la"; de outro, pelo fato

de que, mesmo aprendendo a fazê-la, o material exigido ultrapassava as posses de um pescador farto de recursos. Pouco proveito tiraria, portanto, aquele que aprendesse a arte, quer por não ser procurado com empreiteiro, quer por não poder fazer um aparelho para uso próprio.

Acresce ainda que o cerco não era passível de ser copiado sem explicações: a confecção do *fundo*, como o próprio Hamab esclareceu, exige explicações, porque "só de ver não se aprende" e as explicações se lhe tornavam difíceis pelo desconhecimento da língua. Sebastião Barnabé, tendo residido próximo de Hamab e se tornado seu auxiliar, me disse: "Para aprender a fazer cerco não é qualquer um. A gente precisa ter leituras (?) e boa cabeça. Muita gente passou a vida toda vendo fazer cerco e nunca aprendeu."

Mas a necessária motivação surgiu quando, retirados os japoneses do litoral, numa época em que o uso do cerco já tinha se imposto, os brasileiros tiveram que se haver com a dificuldade. Devido a significativa é a apréciação de um caçara a respeito: "Enquanto os japoneses não saíram do litoral, os brasileiros foram na "fiúza" deles e não se arriscavam a provar o cerco. Parecem certos homens que precisam perder a mãe para se tornarem homens de verdade." Barnabé é fruto desta época. Manoel Fontes (Sombrio), outro. E ambos são hoje donos de cercos.

Concomitantemente com o aparecimento do cerco, surgiu a forma de remuneração do trabalho dos *visitadores*, um tanto discrepante das usuais na Ilha.

O sistema de pesca local obedece a uma velha tradição²⁵. Relações pessoais prevalentes resistem à conversão da pesca em termos meramente comerciais. Evidentemente, o pescador profissional, que se engaja como assalariado de companhias santenses, escapa a estes padrões da cultura local. Porém, a família e a vizinhança continuam a constituir grupos dentro dos quais não predominam completamente as considerações pecuniárias. Pescadores há que, saindo da Ilha para Santos, rejeitaram boas posições porque os cargos que lhe foram oferecidos "representavam exploração do pequeno pescador". E não raro estes homens, submetidos a padrões rígidos de moral que presidem à pesca em seu pequeno grupo, chegam a conhecer situações de conflito entre as demandas do parentesco e

23 Anuário da Pesca Marítima... p. 119.

24 Ibidem.

25 V. MUSSOLINI, Gioconda. *Art. cit.*

vizinhança e os proveitos das transações de caráter meramente comercial.

Quanto ao cerco, do ponto de vista de ser explorado por capitalistas que invertiam capital, sem participar da pesca, não constitui exceção: outros sistemas de pesca funcionam sem o trabalho dos proprietários²⁶. Porém, não tendo seguido o uso costumeiro de fazer a tripulação partilhar dos lucros da rede, o cerco deu origem a uma forma de assalariamento fixo: recebem os *visitadores* de trezentos a quatrocentos cruzeiros mensais (o que constitui mão-de-obra sobremodo econômica), salário que se mantém mesmo quando, segundo me informou um dono de cerco²⁷, se chega a levantar, numa só visita, cinqüenta caixas de peixe-galo vendidas em Santos a oitenta cruzeiros cada uma.

Contudo, um sistema diverso se vem observando entre aqueles proprietários que, naturais do local em que funciona o cerco, reintroduziram a partilha à meia, distribuindo metade do dinheiro conseguido entre os visitadores. Em matéria de cerco, porém, tal sistema representa a exceção: o hábito do ordenado fixo, introduzido por Hamab, juntamente com a implantação do aparelho, prevalece.

Aos poucos o cerco flutuante vai-se alastrando por entre pescadores "menos afortunados", indivíduos que, sem serem capitalistas, vêm na pesca o único incentivo para empate de seu capital, lentamente acumulado. Grande quantidade de requerimentos solicitam permissão para a instalação de tais engenhos de pesca, "sendo tão exagerado o interesse pelo seu emprego que seria impossível atender a todos os solicitantes, ainda que maior fosse a amplitude do costão piscoso da Ilha de São Sebastião"²⁸.

26 A *traineira*, por exemplo, rede especial para pescar sardinha, vai começando a se introduzir na Ilha de S. Sebastião, onde atualmente existem duas em funcionamento e duas em preparação. Uma delas é propriedade de seis sócios residentes em Ilhabela, não pescadores. Este sistema de pesca funciona com a participação de duas equipes: a do barco e a da rede. Embarcada a rede em qualquer barco que o deseje, entra em ação a equipe da *traineira*. A do barco fica à sua disposição. Recolhido o peixe, é ele comprado pelo barco que se incumba, então, de conduzir o carregamento para Santos. Os manejadores da rede dão aos proprietários da mesma metade do dinheiro conseguido na venda do peixe ao barco. Da outra metade, o mestre da rede recebe parte e meia e os demais, uma parte.

27 Augusto Cardeal Sobrinho, proprietário de cerco no Saco do Estácio.

28 *Anuário da Pesca Marítima...* p. 119.

Então é interessante observar que a introdução dessa rede na zona sul do Estado esteja se dando por parte de pescadores que, por assim dizer, chegaram tarde às costas promissoras da Ilha, a área por excelência dos cercos flutuantes²⁹.

29 O Sr. Kuzi Hamab, atualmente residente em Ubatuba, fez no local cinco cercos para um só proprietário, o Dr. Wladimir Piza. Em Santos vi três proprietários, sócios, possuidores de três cercos. Na Ilha atualmente só é permitido um cerco para cada solicitante. Toda a questão de cercos é regulada por lei pela Superintendência do Departamento da Produção Animal.

Um pormenor interessante: em Ubatuba o Sr. Hamab está em vias de introduzir uma nova forma de cerco, com duas bocas. Vai construí-lo para o Dr. Sembraneli. Esta, bem como a primeira forma de cerco, são iguaizinhas às japonesas, não tendo Hamab feito outra alteração a não ser a do tamanho (menor)

FONTE *

- 1 "Os Meios de Defesa Contra a Moléstia e a Morte em Duas Tribos Brasileiras: Kaingang de Duque de Caxias e Bororo Oriental" é tese apresentada ao corpo docente da divisão de estudos pós-graduados da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, em cumprimento de uma das exigências para a obtenção do grau de Mestre em Ciência. Foi publicada originariamente como separata da *Revista do Arquivo Municipal*, nº 110, 1946, p. 1-152.
- 2 "Notas sobre os Conceitos de Moléstia, Cura e Morte entre os índios Vapidianá" saiu em *Sociologia: revista didática e científica*, S. Paulo, v. 6, nº 2, maio de 1944, p. 134-155.
- 3 "Aspectos da Cultura e da Vida Social no Litoral Brasileiro" saiu na *Revista de Antropologia*, S. Paulo, v. 1, nº 2, dezembro de 1953.
- 4 "Os Japoneses e a Pesca Comercial no Litoral Norte de S. Paulo" saiu na *Revista do Museu Paulista*, S. Paulo, nova série, v. 14, p. 283-297.

* Nesta seção se acham esclarecidas as publicações por meio das quais os trabalhos da autora reunidos na presente obra foram originalmente divulgados.